

Madame Durocher , modista e parteira

A escolha do estudo da vida e da obra de Mme Durocher (1809-1893) como assunto de pesquisa deve se em parte a uma preocupação antiga sobre a reprodução da população no Brasil no século XIX. Mas deve se também a surpresa e ao encantamento quando em 1988 trabalhando em um levantamento sobre a criança e a infância na História do Brasil¹ na biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo deparei com pequenas lembranças: homenagens, biografias, caricatura, fotografia e artigos da primeira parteira diplomada no Brasil. Se as ilustrações de Mme Durocher vestida de homem, com casaca, gravata, borboleta e de raios de cabelos brancos reproduzidas nos livros causaram-me surpresa, as primeiras informações sobre a vida da parteira foram impactantes.

Era impossível não associar aquela figura a de outra mulher - a da paulista Ercília Nogueira Cobra - que por outros meios a escrita também tinha se rebelado contra as normas e os padrões de comportamento impostos ao sexo feminino, bem como aos limites que restringiam as aspirações e os sonhos das mulheres de sua época². Assim, mais uma vez, decidi-me dedicar ao estudo da vida de uma mulher que havia rompido com os papéis sociais normativos e prescritos.

A biografia como forma de conhecimento histórico, principalmente quando trata da vida de mulheres, adquire em geral um tom ufanista, onde a vida da biografada é tomada como exemplo de excepcionalidade. Esse não é o meu objetivo. O fato de ter escolhido a vida de uma mulher precursora não significa que deseje associá-la com a exceção que confirmaria a regra das mulheres brasileiras do passado como subjugadas pela família patriarcal, reclusas na casa grande ou no sobrado, analfabetas, relaxadas e incultas, vivendo numa eterna ociosidade.

¹ Pesquisa realizada pelo CEDHAL/Centro de Demografia Histórica da América Latina USP

² Ercília Nogueira Cobra (1891 ?) e autora do livro *Virgindade Anti Higienica* publicado em 1924. Sobre a vida e obra da escritora ver MOTT, M. L. B. *Biografia de Uma Revoltada. Cadernos de Pesquisa*, nº 58, 89-104, agosto 1986.

Embora a trajetória de Mme Durocher tenha vários aspectos de excepcionalidade como por exemplo o fato de ter sido a primeira mulher educada no Brasil que se tem notícia até o momento a publicar textos com o próprio nome na área de Medicina (1848) e a única mulher admitida como sócia no século passado na Academia Imperial de Medicina (1871) sua vida se aproxima a de outras mulheres do Brasil urbano do século XIX que sobreviveram do mesmo ofício de parteira como também das costureiras e modistas que cruzaram o Atlântico para fazer a América e ainda das escritoras que em pleno regime escravista chegaram a expor suas ideias contra a escravidão³ Daí o meu desejo que esse trabalho seja entendido principalmente como uma contribuição para o conhecimento dos papéis sociais femininos no século XIX

³DUROCHER M J M *Ideias por Coordenar a Respeito da Emancipação dos Escravos* Rio de Janeiro Typo do Diário do Rio de Janeiro 1871

Neste artigo serão abordadas apenas as duas primeiras décadas de vida de Mme Durocher Não vou me estender para além de 1834 pois uma primeira análise dos 50 anos de sua atividade enquanto parteira bem como de sua clínica obstétrica que chegou a somar mais de cinco mil partos foi publicada recentemente⁴

⁴MOTT M L B De Modista a Academia Imperial de Medicina *D O Leitura* 12(142) 8-9 março 1994

O artigo divide-se em duas partes interligadas entre si A primeira delas refere-se principalmente a chegada das modistas francesas no Rio de Janeiro e das Durocher em particular e a segunda a formação educacional e profissional da nossa parteira sem perder de vista as possibilidades de educação oferecidas às mulheres na Corte nas primeiras décadas do século XIX Os limites cronológicos situam-se basicamente entre 1816 data da chegada das Durocher ao Brasil e 1834 ano em que Josefina obteve o diploma no curso de partos

⁵Dado levantado na tradução da certidão de nascimento de Mme Durocher feita por ocasião do pedido de naturalização Arquivo Nacional/AN. IJJ 6 N

Uma genealogia no feminino

Situar a parteira Durocher no universo das modistas francesas no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XIX tem por objetivo reconstruir sua genealogia Reconstruir significou deparar-se com a presença constante de mulheres

⁶SENNA Ernesto Parteira Durocher Notas de um Reporter Rio de Janeiro *Jornal do Commercio* 1895 p. 193 Todas as citações deste autor foram retiradas da referida obra

A mãe Ana Durocher nascida em Nancy (França)⁵ e lembrada como uma mulher educada religiosa defensora de ideias políticas liberais que teria sido educada por uma tia abastada residente na Alemanha Em Paris Ana Durocher teria aprendido o ofício de florista com um mestre português⁶ Ai já com uma filha pequena de pai dito desconhecido⁷ teria

⁷Dado levantado no Registro da Carta de Parteira Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro/AGCRJ 8.4.31 fl. 160v

sustentado a mãe idosa e enferma até a morte momento em que deixou a França com Josefina que então teria apenas sete anos de idade

Na pequena autobiografia que inclui no artigo *Deve ou Não Haver Parteiras?* Mme Durocher fala da sua partida daquele país. Afirma desconhecer as razões que levaram a mãe a emigrar em 1816 sem ter decidido de antemão um roteiro a ser seguido. Primeiro foram para a Bélgica e em Antuérpia teria decidido embarcar para o Brasil⁸

Ernesto Senna atribui esta viagem a razões econômicas e políticas. Arrimo de família Ana Durocher vendo escassear o trabalho e sem meios de sustentar a sua filha para a qual era muito extremosa e com o coração amargurado por ver a sua pátria invadida e ocupada pelas tropas das nações aliadas resolveu abandonar a França (p. 193)

A falta de um roteiro de viagem pre estabelecido lembrada pela parteira e a emigração por motivos políticos e econômicos acima referidos por Senna são as razões apontadas por Horace Say para a emigração francesa nos anos seguintes a abdicação (1814) e derrota de Napoleão (1815). Diz o autor de *Histoire des Relations Commerciales entre la France et le Brésil* que um grande número de pessoas ligadas aos acontecimentos anteriores com a mudança política ficaram sem emprego. Visando conseguir novas oportunidades na indústria e no comércio administradores militares artistas alguns exaltados que desejavam associar-se a infortúnios ilustres ou que pensavam não poder viver no solo nacional maculado pela ocupação estrangeira precipitaram-se para os portos marítimos munidos de algumas mercadorias compradas às pressas o primeiro navio que partia era o que lhes convinha mais pouco lhes importando de resto o lugar de destino⁹

Assim a partir de 1814 uma população variada no que se refere ao sexo idade relações familiares condição social e profissão desembarcou no Brasil. Em 1834 o Conde de St Priest referindo-se aos seus compatriotas no Brasil dizia que a população francesa aqui tinha representantes de todo o Terceiro Estado¹⁰

Na relação de franceses que vieram para o Rio de Janeiro entre 1808-1820 dentre os mais de 300 imigrantes relacionados constata-se que a maioria era do sexo masculino e se declarava como sendo solteira. Mas havia também mulheres que declaram ser casadas e estarem acompanhadas de seus maridos filhas e filhos viúvo com filhos filhas e/ou sobrinha mãe e filhos mãe e filhas irmãs irmão e irmãs tio e sobrinha viúva e filhos e algumas poucas mulheres que se declaram sozinhas. Varias dentre estas mulheres tanto

⁸ DUROCHER M. J. M. *Deve ou Não Haver Parteiras?* *Anais Brasileiros de Medicina* t. 22 n.º 9 fev. 1871 p. 296. Com exceção das notas n.º 50 e 52 todas as citações de Madame Durocher foram retiradas do referido artigo.

⁹ SAY H. *Histoire des Relations Commerciales entre la France et le Brésil et Considerations Generales sur les Monnaies les Changes les Banques et le Commerce Extérieur* Paris Guillaumin 1839 p. 56. O trecho entre aspas foi transcrito do livro de DEVEZA G. *Um Precursor do Comércio Francês no Brasil* São Paulo Editora Nacional Brasília INL 1976 p. 3.

¹⁰ SAINT PRIEST A. Memorial sobre o Estado Político Estatístico Judiciário e Administrativo do Brasil desde a Abdicação de D. Pedro I até 02/05/1834 dirigido ao Ministro de Estrangeiros Conde de Rigny pelo Conde Alexis de St Priest In Coleção Escragnoille Doria Relação dos Documentos Franceses colhidos em Arquivos da França (extratos) p. 172 AN RE 34 v. 1 2.

¹¹ *Franceses Residentes no Rio de Janeiro (1808-1820)* Rio de Janeiro Publicações do Arquivo Nacional 1º série v 45 p 138 1960

¹ Mecânica são todas as manufaturas de trabalhos de mãos e pés todas que não se aprendem por princípios científicos as que se praticam por mestres Ver SILVA A M *Dicionário da Língua Portuguesa* Lisboa Typ Antonio Jose da Rocha 1858 vol 2 p 345

¹³ AN IJJ 6 N

¹⁴ A viagem durava em geral por volta de 70 dias Um acidente ainda no litoral da Inglaterra foi o motivo de uma travessia tão prolongada

¹⁵ DEVEZA G op cit (nota 9) p 34

¹⁶ Almanaque do Rio de Janeiro 1817 *Revista do Instituto Histórico e Geográfico* Rio de Janeiro nº 270 304 305 jan-mar 1967

casadas como viúvas e solteiras afirmaram possuir uma profissão¹¹

Mariana Jolly por exemplo tinha 35 anos se apresentou como mecânica¹² e casada com um português Embarcou no porto de Havre de Grâce em 1815 Mme Suesse 30 anos mecânica era solteira chegou em 1816 para se estabelecer assim como a viúva Joana Possane de 43 anos também mecânica que veio com a irmã Anette Ferrari chegou em 1817 tinha 24 anos era solteira nobre e veio com o desejo de se estabelecer Naquele ano chegou Maria David com seu marido Tinha 28 anos era mecânica e desejava empregar-se como criada Clementina chegou em 1817 Foi morar na rua S José nº 19 Era solteira tinha 33 anos e seu objetivo era ensinar música Na mesma rua no mesmo número morava a nobre Carlota Fragoso que em 1818 aos 26 anos deixou Paris para ser costureira no Brasil Em 1818 desembarcou a viúva Juliana Alexandre com dois filhos Mme Pierret 42 anos mecânica veio sem o marido mas com suas filhas dançarinas Na rua do Cano nº 19 morava Mme Zelle que era modista E na mesma rua morava Ana Mülle que não apresentou ou recebeu nenhum qualificativo

Nesta listagem não localizei qualquer menção a Anne Nicolli Colette Durocher que tinha cerca de 26 anos era solteira costureira e florista de profissão moradora em Paris que veio com uma filha pequena em março de 1816 no navio a velas Dois Amigos¹³ que chegou ao Rio de Janeiro em agosto do mesmo ano depois de cinco longos meses de viagem¹⁴

No ano de 1816 houve um aumento considerável do número de franceses no Brasil e do comércio com aquele país Em março havia chegado a Missão Artística Francesa e em setembro Luiz Joaquim dos Santos Marrocos em correspondência ao pai relata a abundância de mercadorias provenientes da França mudando inclusive o gosto e a moda Diz Marrocos que num único mês tinham chegado 29 navios franceses e que não se via mais fazendas inglesas toda gente se ve ataviada ao gosto francês¹⁵

Ernesto Senna afirma que ao chegar no Brasil Ana Durocher contou com auxílio de compatriotas obtendo o crédito necessário para estabelecer uma modesta casa de miudezas e modas (p 193) que em pouco tempo prosperou Esta ajuda teria vindo de Luiz Nicolau Dufrayer com quem Ana Durocher teve sociedade por algum tempo? Nicolau Dufrayer estava no país pelo menos desde 1816¹⁶ e em 1819 tinha um estabelecimento comercial na rua Direita nº 53 e 39 Na *Gazeta do Rio de Janeiro* de 11 de dezembro de 1819 encontra-se um anúncio do comerciante oferecia

bolacha em barricas de superior qualidade carne de vaca e de porco muito boa vinho em meias pipas e outros muitos generos proprios para consumo de embarcação

Em 1821 a população da cidade do Rio de Janeiro (area urbana suburbana e rural) somava 112 695 habitantes¹⁷ e nao excedia os limites entre o Largo do Machado e o Campo de Santana A casa comercial de Ana Durocher localizava se na rua dos Ourives que havia recebido esse nome por terem ai se instalado desde o seculo XVIII ourives e joalheiros entre a rua do Ouvidor e a rua do Rosario no centro comercial da cidade

Nas primeiras decadas do seculo passado a rua ainda concentrava ourives e joalheiros mas acolhia tambem artesaos e um comercio diversificado podendo ser encontrados em suas lojas e armazens desde tecidos objetos e artefatos para decoração como pianos espelhos e oleados ate livros produtos alimenticios e remedios Entre 1816 e 1818 Ana Joaquina que tinha licença e receita para curar a enfermidade de "chagas na Madre ou seja no utero morava no n 12¹⁸

No extremo da rua situava se o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto como o proprio nome indica dedicado a santa padroeira das mulheres gravidas e das parturientes Era tambem um recolhimento destinado as mulheres que desejavam ou eram obrigadas por seus familiares a levar uma vida reclusa

Pode se dizer que o ponto da loja de Ana Durocher era excelente para o tipo de comercio que desenvolvia vendia fazendas aquilo que chamariamos hoje de amarrinho fino vestidos e artigos para completar a *toilette* como luvas chapéus e flores de pena

O seu estabelecimento ficava nas proximidades da rua do Ouvidor que nesse inicio da decada de 20 começava a concentrar o comercio chique e flores cente das famosas modistas francesas as quais o conde de St Priest atribui no periodo um papel fundamental para o escoamento de mercadorias daquele pais¹⁹

Os relatorios e memorias enviados anualmente pelos representantes do governo francês no Brasil existentes em arquivos franceses resumidos e traduzidos por Escragnolle Doria documentam o crescente comercio desenvolvido pelas modistas O conde de Gestas no relatorio de 1825 escrevia que o comercio de modas havia tomado um impulso inaudito que ruas inteiras tinham lojas abastecidas nos armazens franceses As proprias negras vestiam se a francesa e as costureiras francesas não davam conta das encomendas afirmava entao o autor²⁰

¹⁷ Arrolamento realizado pelo ouvidor da Comarca Joaquim de Queiroz em 1821 Citado por LOBO E M L *Historia do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial e financeiro)* Rio de Janeiro IBMEC 1978 p 121 2 vol I

¹⁸ *Gazeta do Rio de Janeiro* 03/04/1816 e 18/11/1818

¹⁹ SAINT PRIEST A In Coleção Escragnolle Doria Relação dos Documentos Franceses colhidos em Arquivos da França (extratos) Documento citado p 174

²⁰ GESTAS Conde de Relatorio do Consul Frances no Rio de Janeiro Conde de Gestas fevereiro de 1825 In Coleção Escragnolle Doria Relação dos Documentos Franceses colhidos em Arquivos da França (extratos) Documento citado p 73

Em 21 de julho de 1821 Ana Durocher publicou no *Diário do Rio de Janeiro* uma denuncia contra a Sra A Wirt primeira modista de Paris Diz o anuncio A Sra Ana Durocher tem a honra de participar ao respeitavel publico que depois da dissolução da sua sociedade com o Sr L N Dufroyer ela sempre foi e e so e unica possuidora da casa de modas em todos os generos situada na rua dos Ourives entre a do Rosario e a do Ouvidor e que pelo anuncio inserido no Diario de 10 do corrente a Sra Wirt deu a conhecer que era socia da Sra da dita casa na rua dos Ourives Porem saiba e conheça o respeitavel publico que tal não e mas sim que a dita Sra Wirt ali habitava sempre como mercenaria recebendo os ajustados salarios Faz tambem participar a Sra Durocher que em sua casa se acha um grande sortimento de chapéus vestidos e mais fazendas de todas as qualidades e que os Senhores compradores serão sempre tratados com aquele respeito e atividade que a todos tem mostrado no espaço de quatro anos que se acha estabelecida a refenda casa Ha oito dias que a mesma Sra pretendia fazer esse anuncio porem por inconvenientes que houvera não pode realizar se

Alem do tom irado percebe se pelo texto acima transcrito o perfil forte e empreendedor da modista Outros documentos revelam estas mesmas facetas Ernesto Senna conta que por occasiao da Independencia (1822) Ana Durocher festejou o acontecimento ornamentando luxuosamente a fachada do seu estabelecimento que era iluminado por transparência e que distribuiu gratuitamente fitas com as cores nacionais tal o jubilo por ver o Brasil independente (p 194)

Esta imagem de mulher empreendedora e forte tambem e a lembrança que a filha guardou da mãe foi minha mae a primeira francesa que abriu uma loja de fazendas francesas e que conservou a loja aberta durante a noite estou ainda bem lembrada quando a rua dos Ourives se achava repleta de gente na primeira noite e nas seguintes havendo apenas duas casas francesas que nao se tinham animado a abrir a noite (p 296)

As lojas varejistas vistas como miseraveis pelo comerciante ingles Luccock em 1808²¹ com a chegada dos franceses foram substituidas por outras melhor aparelhadas As lojas das modistas chamavam a atenção ate mesmo dos viajantes europeus e norte americanos que estiveram no Rio de Janeiro no periodo Vitrines armação como se dizia então espelhos cortinas vasos ornamentais iluminação alem de atendentes e artesas vistas em geral como sedutoras aparecem frequentemente nos relatos

Schlichthorst descrevendo a rua do Ouvidor reparava as caixeiros exageradamente pintadas com

²¹ LUCCOCK J *Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil* Sao Paulo EDUSP Belo Horizonte Itatiaia 1975 p 27

²² SCHLICHTHORST C *O Rio de Janeiro Como E (1824 1826)* Rio de Janeiro Ed Getulio Costa 1943 p 101

²³ EBEL E *O Rio de Janeiro e Seus Arredores em 1824* Sao Paulo Editora Nacional 1972 p 70 1

²⁴ SEIDLER C F G *Dez Anos no Brasil* 3ª ed Sao Paulo Martins 1976 p 40

²⁵ DEBRET J B *Viagem Pitoresca e Historica ao Brasil* Sao Paulo EDUSP Belo Horizonte Itatiaia 1978 tomo 1 p 294

²⁶ SAY H op cit p 120

²⁷ DIAS M O L da S *Quotidiano e Poder em Sao Paulo no Seculo XIX* Sao Paulo Brasiliense 1984 p 14

cinturas finas e olhos a espreita () e gastos encantos ²² Ebel que esteve na cidade em 1824 sentia se em Paris ao entrar na Rua do Ouvidor porque ai estavam estabelecidos os franceses com aquela elegancia que lhes e peculiar vendendo os tecidos mais finos e as mil miudezas de luxo e da moda que atraiam o transeunte pelo gosto e pelo brilho da apresentação Por traz de uma mesa bem polida podia se ver sentada *Madame* ou *Mademoiselle* elegantemente posta ocupando meia duzia de negrinhas vestidas com esmero e escolhi das pelo fisico ocupadas a costurar a luz de numerosas lampadas arganticas que refletindo se em grandes espelhos duplicavam a claridade ²³ Seidler que tambem chegou em 1824 fala do encanto singularmente magico que a rua do Ouvidor tinha para os forasteiros Dentro das casas de moda iluminadas via atras das cortinas e dos perfumados reposteiros de flores e folhas duma natureza transatlantica as costureirinhas cujos olhos brilham mais que a claridade das lampadas e dos falsos diamantes e perolas com que enfeitam os cabelos²⁴

Pelo relato de Ebel verifica se que apesar do luxo e da aparencia francesa das lojas e das modistas estas nao dispensavam a mao de obra local de origem africana escrava e livre alias como os demais comerci antes Debret que desenhou a fachada destas lojas afirma que as negras livres mais bem educadas e inteligentes procuravam logo entrar como operarias por ano ou por dia numa loja de modista ou de costureira francesa o que lhes permitia posteriormente encontrar trabalho nas casas brasileiras²⁵

Ana Durocher não fugiu a regra pois alem de contar com o trabalho da propria filha como caixa da Sra Wirt que era estrangeira e "mercenaria" tinha cerca de cinco escravas costureiras em seu estabelecimento

Horace Say credita o sucesso das lojas das francesas a presenca de mulheres que traziam de Paris vivacidade nos negocios e graca na acolhida dos fregueses Para o autor isso era novidade no pais²⁶ As comerciantes e balconistas chamavam a atenção pois nada parecido havia sido introduzido pelos negociantes da Inglaterra e as mulheres da terra e as portuguesas nao eram admitidas como balconistas de lojas ate as primeiras decadas do seculo passado conforme lembra Maria Odila da Silva Dias no livro *Quotidiano e Poder* ²⁷

Aqui talvez seja necessario fazer uma ressalva sobre o tipo especifico de comercio frances aquele dedicado ao retalho Hugh Salvin que esteve no Rio de Janeiro em 1824 foi um dentre os muitos estrangeiros que mencionaram a diferenca entre o comercio realizado pelos ingleses e aquele dos franceses Segun

do este autor na época da sua visita havia no Rio de Janeiro cerca de 100 *merchants* ingleses estabelecidos e quatro *shop keepers* enquanto dentre os franceses havia cerca de quatro *merchants* para 100 *shop keepers* ²⁸ Horace Say por sua vez afirma que o comércio francês havia empregado mais indivíduos do que capital. Os pacotilheiros, como depreciativamente eram chamados, compravam a crédito no atacado para vender no varejo. Daí talvez a razão de haver mulheres comerciantes no negócio a retalho dos franceses.

Apesar do sucesso comercial das modistas francesas devido em parte a crescente urbanização e europeização dos costumes no Rio de Janeiro, da importância do seu comércio para o escoamento das mercadorias francesas e do importante papel que tiveram como *mediadoras culturais* ²⁹ seja pela renovação que introduziram nas vendas a varejo, seja pela divulgação de novos costumes e hábitos, elas são principalmente lembradas por uma reputação duvidosa. Histórias fabulosas de modistas gananciosas que se envolveram sexualmente com homens nacionais e estrangeiros provenientes das diferentes camadas sociais, brancos e negros, preenchem páginas e páginas da literatura deixada por viajantes estrangeiros e até mesmo por autores brasileiros ³⁰.

Na França, no século XIX, as costureiras e as *marchandes de modes* também não tinham boa fama, muitas delas eram consideradas como sendo prostitutas e/ou cafetinas ³¹. A fama atravessou o oceano. O fato de terem emigrado, enfrentando muitas vezes sozinhas meses de viagem em embarcações a vela, o que muitos homens pensariam duas vezes antes de se decidir a fazer, de desenvolverem um tipo de comércio considerado pequeno, desprestigiado, a retalho, de mostrarem-se trabalhando em atividades consideradas produtivas fora do lar, de prescindirem de uma figura masculina para prover o sustento, de ficarem muitas vezes perto das janelas para aproveitar a luz do dia e melhor enxergar suas costuras e bordados, o que possibilitava que vissem a rua e fossem vistas pelos transeuntes, além de se dedicarem a um empreendimento que tinha por finalidade desenvolver a sedução e o encanto nas mulheres, certamente contribuiu para perpetuar esta fama.

A isso talvez deva ser acrescentado o fato de algumas dentre elas terem transgredido certas normas de relacionamento entre os sexos. Ana Durocher era mãe solteira e a própria Mme Durocher, que foi caixeira, florista, sócia e proprietária da casa de modas, também seria, alguns anos mais tarde, mãe-solteira ³².

²⁸ SALVIN H. *Journal Written on Board of his Majesty's Ship Cambridge from January 1824 to May 1827*. By the Rev. H. S. Chaplain. New Castle: Edward Walker, 1829, p. 17.

²⁹ Tomo emprestada a expressão mediadoras culturais de PERROT M. *Sortir*. In: DUBY G. & PERROT M. *Histoire de Femmes en Occident. Le XIX^e siècle*. Paris: Plon, 1991, p. 480.

³⁰ Ver JACQUEMONT V. *Correspondence de avec sa Famille et Plusieurs de ses Amis Pendant son Voyage dans l'Inde*. 2^a ed. Paris: Librairie de Fournier, 1835, p. 44-5. e EXPILLY C. *Le Brésil. Tel Qu'il Est*. Paris: E. Dentu, 1862, p. 257. In: LEITE M. M. L. (org.). *A Condição Feminina no Rio de Janeiro*. op. cit., p. 114.

³¹ Sobre a reputação das *marchandes de modes*, ver BERNABOU E. M. *La Prostitution et la Police des Mœurs au XVIII^e siècle*. Paris: Perrin, 1987.

³² Yvonne Verdier verificou entre as costureiras de uma vila do interior da França (Minot) a partir da análise da taxa de ilegitimidade entre 1790 e 1970 aquilo que chama de verdadeiras dinastias de mães solteiras formadas por avós, mães e netas. Ver VERDIER Y. *Façons de Dire. Façons de Faire*. Paris: Gallimard, 1979, p. 224.

Alguns poucos viajantes que chegaram a conhecer as modistas mais de perto como Ebel e o pintor francês Manet referem-se a elas como dignas de todo o respeito. Na carta de Manet a mãe lê-se: "Desejaria que escrevesse uma carta muito amável a minha correspondente e que lhe agradecesse a maneira pela qual me recebeu () Não te aflijas pelo seu título de modista, ela está acima de qualquer suspeita e seu filho e aluno do internato Jouffroy, um rapaz encantador, melhor educado, asseguro-te que muitos dentre nós"³³

No *Almanaque* de 1829 Ana Durocher figura dentre as onze *marchandes de modes* existentes na Corte³⁴. Apesar do tratado de comércio entre o Brasil e a França assinado em 1826 que diminuía os impostos pagos pelas mercadorias francesas a partir do final da década de 20 a loja teria, segundo Mme Durocher, começado a entrar em decadência. Senna atribui a decadência da loja a franqueza, generosidade e doença prolongada de Ana Durocher (p. 193).

Depois da morte da mãe em 1829 ainda por cerca de três anos Mme Durocher continuou como proprietária, mas em julho de 1831 a casa já não lhe pertenceria mais.

Uma educação para o trabalho

Ao verificar o ano de nascimento de Mme Durocher apresentado nas diferentes biografias, constata-se que nem sempre existe uma coincidência de datas. Senna, cuja biografia publicada em 1895 serviu de modelo para vários autores que escreveram posteriormente sobre a parteira, afirma que ela teria nascido em 06 de janeiro de 1808 (p. 192). Alfredo Nascimento, por sua vez, afirma que o diploma de parteira depositado na Academia Nacional de Medicina teve o ano de nascimento corrigido a mão, não sabemos quando, por quem, com que fundamento. 1809 foi substituído por 1808³⁵. Baseado num cálculo equivocado, o da data do início do curso de partos que acredita ser 1833, enquanto o correto é 1834, o médico chega, porém, a data de 1809, a mesma que consta no extrato da certidão de nascimento feita por um tradutor juramentado.

Outros documentos apresentam também 1809 como ano de nascimento, uma declaração da própria Mme Durocher feita em fevereiro de 1834³⁶, por ocasião do pedido de naturalização, e o registro de carta de parteiras³⁷.

Se para a data de nascimento foi possível confrontar as várias informações, sobre outro dado forne-

³³In LEITE, M. L. M. (org.) *A condição Feminina no Rio de Janeiro*, op. cit., p. 114.

³⁴*Almanaque Imperial do Comércio e das Corporações Cívicas e Militares do Império do Brasil 1829*, Rio de Janeiro: Plancher Seignot, 1829.

³⁵NASCIMENTO, A. M. *Mme Durocher e a Obstetrícia do seu Tempo*, *Anais da Academia de Medicina*, t. 82, 226-230, jan-dez 1916.

³⁶Requerimento apresentado ao Juiz de Paz do 2º Distrito do Santíssimo Sacramento (pedido de naturalização) datado de 06/02/1834, AN UJ 6 N.

³⁷Registro de Parteira passado a Maria Josefina Matildes Durocher, AGCRJ 8.4.31 fl. 160v.

do por Ernesto Senna não foi possível obter-se mais detalhes de que Mme Durocher teria ficado cega de um olho na primeira infância. Diz o autor que a menina veio ao mundo ao termo de sete meses e os poucos recursos da mãe não permitiram que ela dispensasse os cuidados necessários à filha de sorte que foi acometida de uma oftalmia de que lhe resultou a perda da vista do olho direito (p. 192).

A redação do repórter é ambígua de forma que não saberia dizer se esta cegueira foi passageira ou não. No parágrafo seguinte ele escreve: "Seus sofrimentos se agravaram tanto nessa ocasião que o Dr. Antoine Dubois cremos nos que a examinou deu a por perdida (Quem? a menina ou a vista do olho direito?)". E continua: "Grande porém foi a sua surpresa quando tempos depois ele viu a mãe e a filha que o procuraram para uma consulta no hospital que satisfeito de vê-la viva e forte presenteou a sua ex-doente com uma moeda de ouro" (p. 192-3).

Diferentemente da data de nascimento cuja variação de um ano pouco ou nada alteraria a análise da trajetória da parteira já no que se refere à deficiência visual mesmo que parcial a posse desta informação possivelmente ajudaria a avaliar o esforço e o empenho empreendidos para educar-se através da leitura principalmente se lembrarmos que a educação que adquiriu ao longo de sua vida estava acima da média das mulheres daquele tempo.

Mme Durocher conta que enquanto pôde a mãe cuidou pessoalmente da sua educação inclusive durante a longa e acidentada viagem que as trouxe para o Brasil. Depois ocupada com a loja Ana Durocher matriculou a filha em algumas das escolas existentes para o sexo feminino neste início do século XIX. Diz a parteira que estudou num colégio brasileiro em outro inglês e ainda em outro holandês particular para aprender o alemão e o inglês (p. 296).

As oportunidades educacionais para o sexo feminino no final do período colonial não eram muitas. Maria Beatriz Nizza da Silva, no livro *Cultura no Brasil Colonial*, refere-se aos recolhimentos como um dos locais de educação para as mulheres no século XVIII onde as educandas aprendiam princípios de religião, regras de comportamento, além de ler, escrever, contar, bordar e coser.³⁸

Com a chegada da Corte ampliaram-se as oportunidades de educação para as mulheres através do ensino ministrado por particulares ou por religiosas. Foram criadas escolas leigas e religiosas para receber alunas em regime de pensionato ou externato. Professoras e professores se ofereciam para ministrar aulas.

³⁸SILVA, M. B. N. da *Cultura no Brasil Colonial*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 68-80.

particulares senhoras recebiam em suas casas alunas e aprendizes

Nos jornais publicados na Corte no periodo depara se com anuncios de estabelecimentos de ensino para o sexo feminino na rua dos Ourives uma inglesa tinha uma casa de educação para meninas que quisessem aprender a ler escrever contar falar ingles e portugues coser e bordar (1809)³⁹ D Catarina Jacob tinha uma Academia que recebia alunas em regime de internato e externato Ensinava a ler escrever e falar gramaticalmente as linguas portuguesa e inglesa toda qualidade de costura e o manejo da casa (1812) para aquelas que pagassem a parte haveria aulas de musica dança e desenho Dona Maria do Carmo da Silva e Gama natural de Lisboa na rua S Jose nº 31 prometia esmerar se em todo genero de educação de forma que em pouco tempo saiam perfeitas as suas educandas ensinava a coser bordar marcar fazer toucados cortar e fazer vestidos e enfeites lavar filós fazer chapéus de palha também ensinava a ler escre ver contar e gramatica portuguesa (1813 e 1814) Mme Clemency então recém chegada da França propunha se a dar lições de musica vocal de harpa de piano e de lingua francesa na rua S Jose (1817) Mme Mallet no Catete alem da lingua francesa ensinava os diferentes ramos de instrução convenientes a mocidade (1819) Dona Maria Botlett natural de Lisboa moradora na rua das Violas afirmava que ensinaria as meninas tudo o que fosse necessario para a educação de uma senhora (1819)⁴⁰

Ao lado desta educação leiga algumas ordens religiosas também propunham se a educação de meninas Em 1821 a Congregação de N Sra do Socorro dingiu um requerimento a D Pedro a fim de estabelecer escolas de primeiras letras para ambos os sexos Reco nhecendo a utilidade que deveria resultar do estabelecimento o príncipe regente concedeu a autorização as servas e servos daquela congregação para abrirem as referidas escolas⁴¹

Debret nos seus 16 anos de estada no Brasil assinala a transformação do ensino para o sexo feminino neste periodo O pintor afirma que quando chegou em 1816 havia apenas dois collegios particulares pouco mais tarde algumas senhoras portuguesas e francesas com ajuda de um professor ja se comprometiam a receber em suas casas a titulo de pensionistas moças que quisessem aprender noções de lingua nacional de aritmetica religiao bem como bordados e costuras ⁴²

Diz Debret que alguns franceses forçados a tirar partido de sua educação davam lições de lingua francesa e de geografia em casas de pessoas ricas

³⁹ Para localizar as referenci as das varias professoras ver *Gazeta do Rio de Janeiro* 06/09/1809 16/12/1812 17/11/1813 e 02/11/02/1814 06/08/1817 07/03/1819 03/11/1819

⁴⁰ Os jornais documentam também as oportunidades educacionais oferecidas aos escravos quem desejar por negros e negras de 8 ate 10 anos de idade a aprender o oficio de jardineiro cocheiro ou cozinheiro alem disto a ler escrever cortar e coser dirija se a casa de Carlos Durand e Comp rua Direita nº 9 As condições sao as seguintes 1 deve ter boa constituição e boa saude ter tido bexigas naturais ou vacinadas 2 ter ao menos duas camisas e calças uma jaqueta 3 nos primeiros tres meses o Senhor podera tirar o escravo depois de tres meses devera deixa lo tres anos a pessoa que dele se encarregar a qual se obriga a faze lo aprender tudo o que o Senhor houver destinado e demais e diversos conheci mentos elementares indicados *Gazeta do Rio de Janeiro* 15/09/1819

⁴¹ *Coleção de Leis e Decisões do Imperio do Brasil* 05/11/1821

⁴² DEBRET J B op cit t 2 p 23 4

Por outro lado os brasileiros já não se envergonhavam mais de mandar suas filhas para a escola. Uma menina indo para a escola acompanhada de uma escrava foi inclusive retratada pelo pintor

Nestas primeiras duas décadas do século XIX a instrução para as meninas mais ricas e das camadas médias embora mais diversificada do que aquela ensinada nos recolhimentos no final do século anterior restringia-se ao aprendizado de ler, escrever e contar e de outros idiomas principalmente o inglês e o francês além de artes ditas femininas como costura, bordado, desenho e de salão como canto, música instrumental e dança.

Apesar do aumento do número de estabelecimentos e da ampliação das matérias ministradas as possibilidades de instrução para o sexo feminino continuavam restritas: o currículo era limitado e muitas vezes não ia ao encontro das aspirações e das necessidades de muitas mulheres. Uma das possibilidades para aquelas que desejassem ampliar seus conhecimentos e que a historiografia sobre mulheres que estuda o período tem dado pouca atenção refere-se ao ensino particular ministrado por professores dos dois sexos não apenas por professoras e governantas quando as educandas aprendiam história, geografia e filosofia dentre outras disciplinas.

Mme Durocher é bem um exemplo deste tipo de educação recebida através de professores particulares quando desejou ser caixeira, uma profissão exercida exclusivamente pelo sexo masculino no período e mesmo posteriormente quando decidiu abraçar a profissão de parteira.

Na já citada pequena auto biografia ela mesma afirma que embora a mãe tivesse um grande desejo que aprendesse inglês e alemão quando menina sentia verdadeira repugnância por estas línguas pois achava-as muito feias. A inclinação e gosto que sentia então eram pelo comércio (p. 296). Respeitando a aspiração da filha Ana Durocher deu-lhe o lugar de caixeira⁴³ na loja de tecidos e a educação foi completada com aulas particulares: recebeu noções de escrituração mercantil, história e geografia com um vizinho e amigo Simpliciano José de Souza, lente substituto da aula de comércio. Com esta formação profissional começou a trabalhar na loja de tecidos aí permanecendo até o início da década de 30.

Com o decorrer dos anos Mme Durocher teve um acréscimo de responsabilidade pois a mãe ficou doente. Tornou-se inclusive sócia da loja passando a dirigir os negócios e emancipada a assinar letras.⁴⁴ Segundo Senna a jovem caixeira evitou nesse período que a mãe fosse assassinada por uma escrava (p. 194).

⁴³ Caixeiro significa aquele que tem a seu cargo os fundos do negociante de cujos negócios é gerente. Escriturário ou empregado no expediente interno ou externo de qualquer casa do comércio ou companhia. SILVA A. M. op. cit. v. 1 p. 377. Dentre as atribuições dos caixeiros incluía-se portanto desde atender no balcão e vender na rua como fazer compras e vendas em grosso, fazer a escrituração mercantil até vigiar os escravos ocupados nos serviços da loja. Ver MARTINHO L. M. *Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência*. RJ: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1993.

⁴⁴ Mme Durocher foi emancipada em 26/11/1829. AN. I. JJ. 6. N.

⁴⁶ Livro de Obitos da Freguesia do Santissimo Sacramento 1829 fl 84 v Arquivo da Curia Metropolitana do Rio de Janeiro/ACMRJ

Em 28 novembro de 1829 com pouco mais de 20 anos Mme Durocher ficou orfa⁴⁵. Apesar de proprietaria e herdeira de alguns bens problemas familiares e comerciais resultaram em sofrimento dificuldades e perdas mas ainda por pelo menos dois anos continuou a viver da profissao de modista e a manter a loja no mesmo endereço

Um processo movido em junho de 1831 pelos negociantes franceses estabelecidos no Rio de Janeiro Garrais e Marcassus localizado no Arquivo Nacional alem de deixar conhecer as mercadorias vendidas na loja sugere que ela tenha enfrentado uma situação dificil enquanto proprietaria devia para esses comerci antes a quantia de cento e dez mil e seiscentos e setenta reis (o que equivalia a metade do preço de um escravo destinado ao serviço agricola). A mercadoria da loja linho cambraias sedas fitas luvas bordados em ouro e prata acabou indo posteriormente para leilao a fim de saldar a letra ou seja as dividas⁴⁶

⁴⁶ AN Vara Civil processo n 1241 maço 2318

Os problemas comerciais podem ser acompanhados tambem atraves de uma serie de anuncios colocados no *Jornal do Commercio* em julho e agosto daquele ano quando Mme Durocher chama seus credores para lhes entregar os bens em pagamento ate onde chegarem ficando obrigada ao que restar para pagar quando melhorar de fortuna (28/07/1831)

Em agosto de 1831 Mme Durocher foi despejada. Ja nao morava mais na rua dos Ourives nº 109 onde tinha morado por mais de uma decada

Ernesto Senna afirma que com a morte da mãe a jovem modista se viu reduzida a mui poucos recursos e que por isso teria vivido maritalmente sem ser casada com Pedro David um comerciante frances (p 194). A documentação indica porem que a relação amorosa entre Mme Durocher e Pedro David provavelmente data de antes mesmo da morte de Ana Durocher ocorrida em novembro de 1829 pois oito meses depois em 19 de julho de 1830⁴⁷ nascia o primeiro filho do casal Vicente Joao Francisco do Rocher (sic) que nao foi reconhecido por occasiao do batismo pelo pai. Em dezembro do ano seguinte (1831) nascia Pedro Amado Huberto David este sim legitimado na pia batismal⁴⁸

⁴⁷ Livro de Batismo (19/10/1830) Freguesia do Santissimo Sacramento ACMRJ fl 30 v

⁴⁸ Livro de Batismo (12/05/1832) Freguesia do Santissimo Sacramento ACMRJ fl 136

Isto significa que o periodo da crise comercial da loja de tecidos ate o subsequente fechamento do estabelecimento corresponde exatamente aos dois periodos de gravidez de Mme Durocher. E que Pedro David partiu para a França durante a segunda gravidez da companheira justamente quando ela estava sendo processada por dividas voltando ao Brasil as vespervas do nascimento do segundo filho

Seguindo as informacoes fornecidas por Senna e repetidas por quase todos os biografos Pedro David

teria sido assassinado por engano pois fora confundido com um comerciante portuguez morador na mesma rua e casa que teria seduzido uma moça (p 195) O *Jornal do Commercio* de 03 de julho de 1832 assim noticia a morte de Pedro David Necrologico Passando antes de ontem pelo Largo Sao Francisco de Paula o Sr Pierre David negociante frances foi acometido por um homem alto coberto por um ponche que lhe deu nas costas perto das vertebrae huma facada de que morreu ontem pelo meio dia A autopsia cadaverica feita pelos Srs Drs Imbert Lonequet Cuissart Senechal e Sigaud tem feito verificar a penetração da ferida a qual estendeu entre a 6ª e 7ª costela da parte superior e esquerdo do tronco penetrando o pulmão o diafragma e o estomago O Comercio sente profundamente a perda que fez na pessoa de um de seus membros mais honrados representante nesta praça a celebre casa dos Srs Koechlin Irmaos Ignoram os motivos desse atentado mas parece que foi um funesto equivoco que roubou aos seus numerosos amigos um homem tão digno da estimaçao geral Ha de ser sepultado hoje 03 de julho as 10 horas da manha em S Francisco de Paula e a familia roga a todos os amigos do defunto queira assistir este ato de caridade e religião

Ainda e Senna quem afirma que no leito de morte Pedro David teria expresso o desejo de se casar com Mme Durocher e não o fez porque o padre teria chegado tarde demais Infelizmente os documentos levantados ate agora nada dizem sobre isto (p 195)

Embora nos textos de Mme Durocher sejam encontradas frequentes referencias a propria vida neles não localizei qualquer mençao afetuosa nem mesmo biografica sobre Pedro David O aviso necrologico colocado no *Jornal do Commercio* acima menciona do seria de sua autoria? A lembrança desta união ficou porem gravada no nome de um dos filhos aquele que chegou a idade adulta Pedro David

Assim em menos de quatro anos e com cerca de 23 anos Mme Durocher estava não apenas orfã como tambem viuva e com dois filhos pequenos

O perfil mais conhecido de Mme Durocher aquele da parteira que se vestia com roupas masculinas parece ter sido construido neste periodo quando decidiu abandonar a profissao de modista Em 1832 tinha por causa da decadencia do comercio deixado a casa que minha mae havia me legado ja em principio de decadencia Mae entao de dois filhos sem pai e dispondo de poucos recursos (5 contos e tanto) tive de refletir seriamente sobre os meios que deveria adotar para proporcionar aos meus filhos com a instrução e o sustento honesto (p 298)

Vale lembrar que aquilo que Mme Durocher chama de *parcos recursos* (5 contos) daria para comprar em 1832 entre 10 e 20 escravos adultos! O preço de um/uma escravo/a para serviço urbano conforme o *Jornal do Commercio* de julho de 1832 variava entre 250\$000 e 500\$000 reis o que possibilitaria se assim ela desejasse viver remediavelmente da exploração do trabalho de escravos de ganho como faziam muitas mulheres no país⁴⁹

Segundo ela mesma nos conta ocorreu-lhe dedicar-se a profissão de parteira a partir do exemplo das francesas Mme Pipar que havia se hospedado em sua casa no final dos anos 20 e de Mme Berthou parteira da Santa Casa de Misericórdia (p. 298)

A formação de Mme Durocher como parteira iniciou-se em 1833⁵⁰. Este primeiro contato com a profissão se deu fora da escola de partos. Mais uma vez ela recorreu ao ensino particular, agora seu professor foi o médico negro Joaquim Candido Soares de Meirelles.

Seguindo um modelo de parteira bastante difundido no seu país de origem, que obtinha a formação em escolas que ensinavam a profissão, mas ainda novo no Brasil, Mme Durocher matriculou-se em 1834 no curso de partos recém criado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1832). Foi a primeira e uma das poucas mulheres no decorrer do século XIX a se matricular num curso para aprender a partejar⁵¹.

Paralelamente ao curso regular, Mme Durocher completou sua formação através de aulas particulares. Em 1834 saiu da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da qual muito lhe honra ter sido a primeira aluna munida de alguns conhecimentos de anatomia, de fisiologia, de higiene e da ação dos medicamentos, com os quais tinha que haver-me na especialidade, estes muitos favores devêi-os às obsequiosas lições particulares dadas pelo meu lente e amigo de infância, o finado Dr. Julio Xavier e pelo Dr. Cambuci. A pedido do Dr. Candido Soares Meirelles devo ao Dr. Antonio Freire Alemão, cirurgião do banco da Santa Casa de Misericórdia, o obsequio de duas lições por semana de anatomia.⁵²

A escolha da profissão de parteira por Mme Durocher foi acompanhada no mesmo período de outras duas decisões extremamente significativas: a da opção pela nacionalidade brasileira e a adoção de roupas de estilo masculino.

A acolhida que as Durocher receberam no país e o número de amigos que aqui fizeram desde a chegada da França são as razões apontadas para a decisão da permanência no Brasil. Na opção pela nacionalidade pode-se perceber inclusive uma homenagem a

⁴⁹ Sobre mulheres vivendo do jornal de seus escravos e escravas ver o capítulo *Senhoras e Ganhadeiras no livro Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX* de DIAS M. O. L. da S. op. cit. p. 83-113.

⁵⁰ DUROCHER M. J. M. Considerações sobre a Clínica Obstétrica. *Anais da Academia de Medicina do Rio de Janeiro*, VI série, t. II, nº 3, 272 jan-mar 1887.

⁵¹ Até o início do século XIX o ofício era exercido principalmente por parteiras práticas, em geral negras e mulatas livres. Médicos e cirurgiões apenas excepcionalmente participavam da parturição, em geral nos casos de partos laboriosos e difíceis. As primeiras parteiras diplomadas que exerceram o ofício no Brasil eram estrangeiras e chegaram por volta de 1828. Os cursos de partos das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia formaram no período poucas alunas, conforme se vê no artigo de MOTT M. L. B. *Parteiras no Século XIX*. Mme Durocher e sua época. In COSTA A. O. & BRUSCHINI C. *Entre a Virtude e o Pecado*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 37-56.

⁵² DUROCHER M. J. M. Considerações sobre a Clínica Obstétrica. op. cit. p. 250-251.

nova patria Diz a parteira Entusiasmada como se e aos 24 anos ao planejar uma vida nova entendi que por gratidao ao pais berço de minha segunda infancia eu primeira aluna que ia se matricular na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro devia ser brasileira e portanto tratei logo de naturalizar me (p 299)

Quanto a escolha das vestes que usou durante os mais de 50 anos de clinica esta foi decidida ainda no periodo em que frequentava o curso de partos Rodrigo Otavio que a conheceu pessoalmente afirma que a parteira vestia se de preto com uma simples saia e um casaco masculino colarinho e gravata de homem e uma pequena cartola pouco afunilada³³

³³ Citado por SANTOS F²
Licurgo *Historia da Medicina
no Brasil* Sao Paulo
Brasiliense 1947 p 201 v I

No artigo Deve ou Nao Haver Parteiras? Mme Durocher justifica o uso deste traje adotei um vestuario que não so me pareceu mais comodo para os trabalhos da minha profissao como mais decente e caracteristico para parteira Julgava que esse meu exterior deveria atuar muito no moral da mulher inspirando lhe mais confiança e distinguindo a parteira do comum das mulheres (p 299)

A opção pela nacionalidade brasileira e pelas roupas de estilo masculino embora explicadas racionalmente pela parteira talvez tenham mais alguns significados É preciso lembrar que estas opções tem como reverso a renuncia da nacionalidade francesa como do perfil feminino e sugerem uma enorme necessidade de mudança e o desejo da criação de outro referencial de identificação Seria o passado das desconsideradas *marchandes de modes* francesas que Mme Durocher estaria querendo apagar?

Para terminar gostaria de lembrar que embora desejando servir de modelo as parteiras diplomadas parece que o figurino masculinizado adotado por Mme Durocher nao chegou a ser copiado muito pelo contrario foi ate mesmo ridicularizado conforme ela com um certo amargor relata anos mais tarde Quanto aos irrefletidos que por imitação tudo criticam () nada respeitam () almas mesquinhas () e que procuram no ridiculo arma certa para ferir aos que a opinião publica reconhece como probos e honestos quanto a esses eu entrego ao desprezo que merecem (p 300)